

Narrativas conspiratórias nas eleições norte-americanas: plataformização e reconfigurações da desinformação no contexto brasileiro de extrema-direita¹

Kemyllin Haana Timm Dutra²
Daniele Lopes Vieira³
Júnior Rafael⁴
Aline Roes Dalmolin⁵
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este artigo explora a circulação de discursos conspiratórios em um canal brasileiro de extrema-direita no Telegram durante o período das eleições norte-americanas de 2024. A investigação tem como objeto o canal “Selva Brasil Oficial”, analisado entre os dias 5 e 11 de novembro daquele ano. O foco recai sobre a forma como as narrativas vinculadas ao universo QAnon são apropriadas e integradas ao imaginário político da extrema-direita brasileira, atuando como dispositivos de mobilização política e desinformação. Para elaboração da pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, com base na análise de conteúdo de Bardin (2016). Conclui-se que essas narrativas funcionam como tecnologias discursivas de coesão ideológica, radicalização política e ataque à democracia, reforçando a polarização e a deslegitimação institucional.

Palavras-chave

Teorias da conspiração; QAnon; Telegram; Eleições EUA; Brasil.

1 Introdução

Associada ao desenvolvimento da Internet e de tecnologias digitais como o computador, a chamada era da informação tem como principais características a rápida disseminação de informações e o acesso facilitado a elas. Com o surgimento das plataformas digitais, especialmente pela falta de regulamentação sobre os conteúdos compartilhados, o controle sobre a veracidade e a intenção das informações geradas e consumidas no ambiente virtual se torna cada vez menos possível.

¹ Trabalho apresentado no GP XXX, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: kemyllindutra@gmail.com

³ Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: danielle.vieira@acad.ufsm.br.

⁴ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: juniorrafaelrafael92@gmail.com

⁵ Professora associada do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. e-mail: aline.dalmolin@ufsm.br.

As teorias da conspiração consistem em fenômenos sociais bastante antigos. No ambiente digital, elas emergem como fenômenos políticos de relevância global, transcendendo fronteiras nacionais e influenciando processos democráticos. Este estudo examina um conjunto de narrativas conspiratórias recentes, que surgem em meio à extrema-direita nos Estados Unidos mas que ganham alcance em outros países, como o Brasil.

Com foco em analisar suas origens, mecanismos de disseminação e efeitos nos sistemas políticos dos Estados Unidos e do Brasil, partimos de uma perspectiva crítica para entender como essas teorias constituem instrumentos de mobilização política para setores da extrema-direita, com particular ressonância nos governos Trump e Bolsonaro. Segundo Figueiredo (2023), esses movimentos expressam formas sociais derivadas da crise do capitalismo.

Essa movimentação é favorecida por uma crise epistemológica (Albuquerque & Quinan, 2019), que marca a substituição da confiança institucional por crenças individuais e experiências pessoais. Comunicacionalmente, isso implica a ascensão da plataformização, em que algoritmos e influenciadores tornam-se os novos validadores da verdade (Zago, 2011; Primo, 2005; Correa, 2014).

Nesse contexto, o Telegram, aplicativo de mensagens instantâneas criado em 2013 por Pavel Durov, assume papel central. Sua arquitetura voltada ao anonimato, baixa moderação e ausência de filtros algorítmicos favorece a expansão de ecossistemas de desinformação e públicos refratados⁶, especialmente no Brasil, onde tornou-se uma plataforma chave para a difusão de conteúdos da extrema-direita (Nascimento et al., 2022).

Este artigo, portanto, explora postagens em um canal do Telegram ligado à extrema-direita brasileira, em resposta aos resultados das eleições nos EUA. A análise integra uma pesquisa maior do Grupo de Pesquisa Circulação Midiatizada, da Universidade Federal de Santa Maria (Dalmolin, 2024), focada nas interações da midiosfera da extrema-direita no Brasil.

2 Comunicação conspiracionista

⁶ Públicos refratados, segundo a antropóloga Crystal Abidin (2021) são grupos digitais que operam de forma estratégica em camadas menos visíveis da web, como as da extrema-direita no Telegram. Eles se organizam em espaços difíceis de acessar, utilizam linguagem codificada e tem pouca interação com quem está fora. Para esses grupos, o Telegram funciona como uma espécie de "dobradiça", ao combinar "privacidade e publicidade" (Nascimento et al., 2022).

As teorias da conspiração (TCs) oferecem explicações alternativas a eventos sociais, políticos ou históricos por meio de lógicas causais simplificadas e polarizações morais. Fundamentam-se na crença de que um grupo oculto e poderoso manipula os acontecimentos com intenções malévolas, ocultando a verdade da população. Para Barkun (2017), essas narrativas compartilham três premissas básicas: nada acontece por acaso, nada é como parece ser, e tudo está interligado.

Não se trata apenas de ignorância ou desinformação pontual: as TCs configuram um sistema epistemológico alternativo. Como observa Fragoso (2023), no Brasil, as TCs se articulam a discursos religiosos, nacionalistas, anticomunistas e antiglobalistas, ativando afetos e medos latentes na população. Lewandowsky, Ecker e Cook (*apud* Fragoso, 2023) apontam que essas teorias mobilizam evidências anedóticas, linguagem pseudocientífica e apelos morais, o que as torna altamente resistentes à refutação racional.

A circulação contemporânea das teorias da conspiração está profundamente ligada ao fenômeno da desinformação. Como argumentam Wardle e Derakhshan (2017), vivemos sob um regime de “desordem informacional”, e que a distinção entre verdade e engano se torna cada vez mais tênue. Nesse ambiente, a desinformação se apresenta não apenas como falsidade, mas como estratégia comunicacional inserida em disputas políticas, culturais e cognitivas.

3 QAnon: de sua origem nos EUA à reterritorialização no Brasil

Surgido em 2017 a partir do fenômeno Pizzagate⁷ (emergido em 2016), o movimento QAnon com base em postagens anônimas atribuídas a “Q” colocava Donald Trump como líder de uma operação secreta contra uma elite global satanista e pedófila (Rothschild, 2021). A estrutura narrativa do QAnon, com seus “Q-drops” criptografados, promoveu um engajamento colaborativo dos seguidores, que passaram a decifrar e compartilhar suas próprias interpretações em rede (Wendling, 2021).

Durante as eleições de 2016, o QAnon mostrou capacidade de institucionalização, com a eleição de representantes que endossavam publicamente suas teorias, como Marjorie Taylor Greene (Pilkington, 2021). O ápice desse processo foi a invasão do Capitólio em 2021,

⁷ Criada no contexto das eleições dos EUA, essa teoria da conspiração acusava falsamente membros do Partido Democrata de envolvimento em tráfico sexual infantil em uma pizzaria. Disseminada por plataformas como 4chan e Reddit, e amplificada por figuras como Alex Jones, a teoria levou a um episódio de violência real no local ainda em 2016.

quando elementos do movimento tentaram impedir a certificação da vitória eleitoral de Joe Biden (Leonhardt, 2021).

No Brasil, o bolsonarismo absorveu e ressignificou elementos centrais do QAnon, integrando-os ao seu repertório discursivo, articulando-se às narrativas circulantes nos ambientes da extrema-direita internacional. Como aponta Fragoso (2023), há um processo de transposição simbólica dessas narrativas para o contexto político nacional, articulando-as a categorias como “marxismo cultural”, “globalismo” e “doutrinação ideológica”.

Entre as adaptações mais evidentes das narrativas conspiratórias do QAnon ao contexto brasileiro, destacam-se: a demonização de adversários políticos (Mendonça & Cavalcante, 2021); a promoção de pânico morais relacionados à sexualidade e à educação (Camargo, 2022); e a tentativa sistemática de deslegitimar o sistema eleitoral brasileiro, com uma retórica alinhada ao discurso do movimento norte-americano “*Stop the Steal*”⁸. Dentro do bolsonarismo, essas narrativas atuam como uma “cola ideológica” que une religiosidade, nacionalismo e ressentimento social, resultando em desinformação sobre o sistema eleitoral, acirramento da polarização e descrédito de instituições democráticas (Aragão, 2022).

4 Corpus e método de análise

O corpus desta pesquisa compreende 104 postagens públicas relacionadas às teorias conspiratórias QAnon, extraídas manualmente, e por meio de observação não participante, do canal *Selva Brasil Oficial* no Telegram (<https://t.me/selvabrasiloficiall>) entre 5 e 11 de novembro de 2024. Esse período corresponde à apuração dos votos da última eleição presidencial dos Estados Unidos.

A seleção das postagens, dentre outras que circularam no canal no mesmo período, priorizou conteúdos relevantes ao universo QAnon e sua articulação com o imaginário da extrema-direita brasileira, considerando critérios de relevância temática, recorrência e representatividade discursiva. Foram coletados textos, vídeos, imagens, links e emoticons.

Destaca-se que o canal do Telegram é de acesso público, e congrega mais de 19.793 participantes inscritos em 22 junho de 2025. O Selva Brasil congrega ainda perfis em outras plataformas: Youtube (<https://www.youtube.com/@SelvaBrasilOficial>), Instagram

⁸ O movimento político “*Stop the Steal*”, surgido após as eleições presidenciais americanas de 2020, espalhou alegações infundadas de fraude eleitoral em favor de Joe Biden. A campanha mobilizou protestos e desinformação para contestar o resultado eleitoral, tornando-se central na polarização política dos EUA e no ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021 (The New York Times, 2022).

(<https://www.instagram.com/selvabrasiloficial/>), X (<https://x.com/i/communities/17...>) e Rumble (<https://rumble.com/SelvaBrasilOficial>).

Como metodologia, optou-se pela adoção da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016). Dessa forma, a coleta e tratamento dos dados seguiu as três fases operacionais propostas pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação (Bardin, 2016).

Na pré-análise, realizou-se uma leitura flutuante e a organização preliminar do corpus, com o objetivo de formular hipóteses e estabelecer unidades de registro. Nessa etapa, priorizou-se a identificação de recorrências discursivas vinculadas ao universo QAnon no contexto da extrema-direita brasileira. As unidades de registro consideradas incluíram não apenas os enunciados explícitos, mas também recursos simbólicos, como memes e vocabulário codificado.

A exploração do material, envolveu a categorização do conteúdo em cinco eixos temáticos, definidos com base em critérios de frequência, relevância simbólica e função discursiva: maniqueísmo e imaginário satanista; deslegitimação institucional e teorias de fraude; antiglobalismo e guerra informacional; identificação simbólica e vocabulário conspiratório; e mobilização política e pertencimento afetivo.

Por fim, no tratamento dos resultados e interpretação, foram realizados cruzamentos quali-quantitativos das ocorrências, a fim de identificar padrões narrativos dominantes e relações estruturais entre as categorias. Essa etapa permitiu compreender os modos de circulação das teorias conspiratórias no período analisado, revelando como essas narrativas são apropriadas e adaptadas a antagonismos locais.

5 Veiculação da teoria QAnon no canal Selva Brasil no Telegram

Nas mensagens analisadas, “Trump” é o termo de maior recorrência, centralizando os principais sentidos das narrativas, como o “grande despertar” e a promessa de salvação do povo diante das instituições e elites globais, retratadas como corruptas e imorais. Essa representação reforça a lógica binária e a dramatização apocalíptica características das teorias da conspiração no ambiente digital (Barkun, 2017; Fragoso, 2023). Esse protagonismo integra uma estrutura narrativa mais ampla composta por diferentes eixos discursivos, articulados em torno da ideia de um conflito entre o bem e o mal.

Selva Brasil Oficial

De acordo com o Real Raw News, Donald Trump acabou de falar com os comandantes do White Hat e deu-lhes “luz verde” para continuarem a prender agentes do Deep State, particularmente os milhares que participaram na conspiração Plandemic.

<https://x.com/RealRawNews1/status/1854051754947522646>

Via Rafapal

@selvabrasiloficiall 🇧🇷

👤 45 ⚡ 4 📄 2

👁 1466 editada 07:50

Fonte: Captura de tela feita pelos autores

O questionamento das eleições é outro eixo recorrente. Mensagens denunciam fraudes envolvendo urnas Dominion⁹, interferência de satélites e manipulação de votos, associando esses eventos a uma conspiração mundial¹⁰. A política institucional é enquadrada como ilegítima e parte de uma estrutura satânica.

A presença do QAnon como estrutura simbólica se manifesta na repetição de códigos e signos identitários como “Q”, as siglas “WWG1WGA” (*Where We Go One, We Go All*) e “NCSWIC” (*Nothing Can Stop What Is Coming*), além da figura de “Pepe, o Sapo”. Esses elementos não apenas reforçam o pertencimento grupal, mas operam como dispositivos narrativos que ativam afetos religiosos, patrióticos e morais. Essa repetição revela o que Fragoso (2023) chama de “estrutura circular” e “nucleação suprimida”: o conteúdo específico é menos importante que a repetição simbólica que sustenta a crença.

Figura 2 - Simbologia típica QAnon

Fonte: captura de tela realizada pelos autores

O discurso antiglobalista aparece em menções a George Soros, Bill Gates e a própria Organização das Nações Unidas (ONU) como responsáveis por uma agenda de dominação mundial, incluindo pandemias, guerras fabricadas e ataques à família tradicional¹¹. Em algumas postagens, a crise climática é tratada como farsa, controlada por elites para manipulação social¹².

⁹ Dominion é uma empresa canadense de tecnologia eleitoral acusada, sem provas, de fraudar as eleições americanas de 2020 a favor de Joe Biden (G1, 2020).

¹⁰ No dia 07 de novembro de 2024, foi publicada uma mensagem no canal “Selva Brasil Oficial”, no Telegram, cujo conteúdo disseminava a teoria conspiratória de que a eleição presidencial norte-americana de 2020 havia sido fraudada pela inteligência italiana com o apoio da CIA e da empresa Dominion, insinuando possíveis conexões com o pleito brasileiro de 2022.

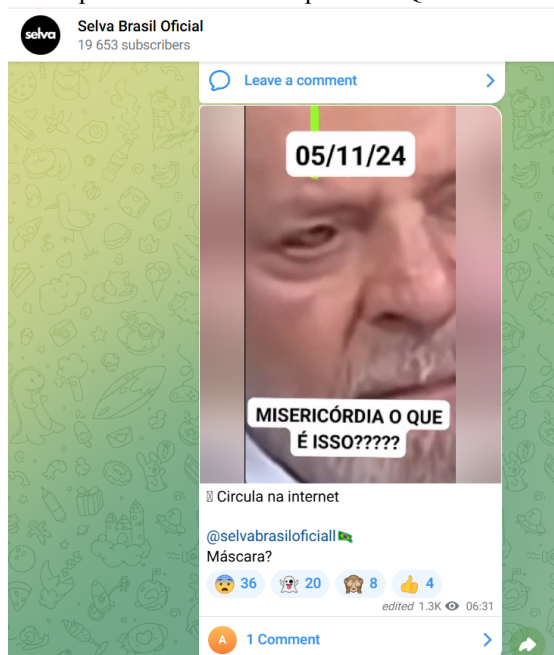
¹¹ Mensagem publicada no dia 11 de novembro de 2024 no canal “Selva Brasil Oficial” no Telegram reproduz conteúdo conspiratório segundo o qual Donald Trump estaria formando uma força-tarefa para dismantlar redes globais de tráfico humano supostamente controladas pelas Nações Unidas.

¹² Mensagem compartilhada no canal “Selva Brasil Oficial” no Telegram no dia 05 de novembro de 2024, reproduz desinformação oriunda do site conspiracionista The People’s Voice, alegando falsamente que o Fórum Econômico Mundial teria ordenado o sacrifício de animais de estimação de cidadãos com baixa pontuação de crédito social sob o pretexto de combater as alterações climáticas.



Observa-se, ainda, a manipulação simbólica de lideranças políticas como Lula, que é associado a teorias sobre clonagem e uso de máscaras, recurso também aplicado a Joe Biden, ex-presidente dos Estados Unidos. Tais imagens alimentam a ideia de que a realidade política global seria uma encenação orquestrada por uma elite demoníaca, conforme prescreve a teoria do QAnon. As postagens analisadas exemplificam o sugestionamento de verdades ocultas e a mobilização de sentimentos de pertencimento a uma comunidade “desperta”, consolidando um espaço que mina o debate público racional e favorece a radicalização política.

Figura 3 - Exemplo de conteúdo conspiratório QAnon envolvendo Lula



Fonte: Captura de tela feita pelos autores

6 Considerações finais

O conteúdo do corpus revela que o canal funciona como uma rede de desinformação, articulada por códigos, simbolismo religioso, vocabulário codificado e lógica maniqueísta. Esses discursos constroem um campo polarizado, resistente ao debate e baseado em antagonismos morais entre “o povo” e “as elites globais”. A circulação intensiva de imagens, memes e mensagens emocionalmente carregadas evidencia como a plataformização das redes favorece a disseminação de conteúdos conspiratórios de maneira eficaz e politicamente instrumental.

Com base em Bardin (2016), Barkun (2017), Fragoso (2023) e Albuquerque e Quinan (2019), identificou-se que tais teorias funcionam como tecnologias discursivas de mobilização e desinformação, operando na interseção entre afetos, religiosidade e ressentimento. A análise de conteúdo (Bardin, 2016) permitiu compreender as postagens como práticas performativas que estruturam uma comunidade discursiva refratária à mediação democrática e às instituições formais.

Conclui-se, assim, que a reterritorialização do QAnon no Brasil não é uma mera reprodução simbólica do fenômeno estadunidense, mas uma adaptação estratégica que insere categorias locais, como a figura de Lula, num imaginário de guerra política, moral e até mesmo espiritual. O Telegram, nesse processo, privilegia a circulação e o fortalecimento dessas crenças e promove a radicalização discursiva, o que enfraquece o diálogo público e agrava a crise da verdade e da democracia.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. QUINAN, R. *Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”*. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38088>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- ARAGÃO, Murillo de. *Teorias da conspiração e eleições no Brasil*. Veja, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/murillo-de-aragao/as-conspiracoes-e-suas-teorias/>. Acesso em: 29 maio 2025.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARKUN, Michael. *A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2017.
- BBC NEWS BRASIL. *O que é QAnon, a teoria da conspiração que ganhou força com Trump e chegou ao Brasil*. 8 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55577322>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CAMARGO, Mariana. Doutrinação, moral e fake news: a ideologia do medo nas redes sociais bolsonaristas. *Revista Brasileira de Estudos de Comunicação*, v. 11, n. 2, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbec/article/view/62194>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CORREA, Elisa. *Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo*. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n.41, p. 23-40, set./dez., 2014.

DALMOLIN, A. *Anatomia da polarização e barbárie comunicacional*. In: FERREIRA, J. G.; SILVEIRA, A. C. M.; BORELLI, V. ; DALMOLIN, A., LOFGREN, I. (Orgs.). *Plataformas, Algoritmos e IA: Questões e hipóteses na perspectiva da mídiatização* (p.77-96). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2024.

EL PAÍS BRASIL. *‘QAnon brasileiro’ segue firme nas redes e se mostra alinhado a movimento de teorias conspiratórias dos EUA*. 13 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-13/qanon-brasileiro-segue-firme-nas-redes-e-se-mostra-alinhado-a-movimento-de-teorias-conspiratorias-dos-eua.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ESTADÃO. *QAnon ganha força no Brasil com teorias conspiratórias e apoio a Bolsonaro*. Brasília, 29 ago. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,qanon-ganha-forca-no-brasil-com-teorias-conspiratorias-e-apoio-a-bolsonaro,70003426514>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FIGUEIREDO, C. *Propaganda e Teoria da Conspiração: Comunicação Neofascista no Brasil em Tempos de Crise do Capitalismo*. 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202316263164dd22e7d2aaf.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRAGOSO, S. *Teorias da Conspiração no Brasil: apontamentos a partir de observações no Telegram*. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 26, p. 363–377, 2023. DOI: 10.5216/ci.v26.76843. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/76843>. Acesso em: 21 jun. 2025.

G1. *O que se sabe sobre a Dominion, empresa de tecnologia de votação que está na mira de Trump*. 15 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/15/o-que-se-sabe-sobre-a-dominion-empresa-de-tecnologia-de-votacao-que-esta-na-mira-de-trump.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2025.

GÓMEZ, Michelle Pacheco; LUBISCO, Nidia Maria Lienert. *Desinformação na internet: fake news do QAnon como regime de informação*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 29., 2022, online. *Anais [...]*. Curitiba: FEBAB, 2022. Eixo 6 – O mundo digital: apropriação e desafios. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2466>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LA FRANIERE, Sharon; BERGIN, Katie. *Gunman in ‘Pizzagate’ shooting is sentenced to 4 years in prison*. The New York Times, 22 jun. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/06/22/us/pizzagate-attack-sentence.html>. Acesso em: 22 jun. 2025.

LEONHARDT, David. *The Capitol riot and QAnon*. The New York Times, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/01/07/briefing/white-house-capitol-donald-trump-jon-ossoff.html>. Acesso em: 29 maio 2025.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. *Media Manipulation and Disinformation Online*. Data & Society, 2017. Disponível em: <https://datasociety.net/library/media-manipulation-and-disinfo-online/>. Acesso em: 29 maio 2025.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CAVALCANTE, Caio. Globalismo e marxismo cultural: a transnacionalização da nova direita no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, v. 52, n. 1, p. 1–28, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rcs.v52i1.48835>. Acesso em: 22 jun. 2025.

NASCIMENTO, Leonardo F.; CESARINO, Leticia M.; FONSECA, Paulo F.; BARRETO, Tarssio. Públicos refratados: grupos de extrema-direita brasileiros na plataforma Telegram. *Internet & Sociedade*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 31–60, ago. 2022. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/publicos-refratados-grupos-de-extrema-direita-brasileiros-na-plataforma-telegram/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PILKINGTON, Ed. Marjorie Taylor Greene and the GOP’s embrace of QAnon. *The Guardian*, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2021/jan/30/marjorie-taylor-greene-republicans-qanon>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PRIMO, A. *Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador*. Limc, Porto Alegre, n. 45, 2005.

ROTHSCHILD, Mike. *The storm is upon us: how QAnon became a movement, cult, and conspiracy theory of everything*. New York: Melville House, 2021.

TANDOC, Edson C. Jr.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. *Defining “fake news”*. *Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 137–153, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em: 22 jun. 2025.

THE NEW YORK TIMES. *Stop the Steal and the 2020 election: How a movement questioned democracy*. *The New York Times Magazine*, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/07/19/magazine/stop-the-steal.html>. Acesso em: 22 jun. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSTHAN, Hossein. *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-forresearch/168076277c>

WENDLING, Mike. *QAnon: what is it and where did it come from?* BBC News, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/53498434>. Acesso em: 22 jun. 2025.

ZAGO, Gabriela. *Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação*. Dissertação Mestrado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28921>